

Todo texto é resultado  
de uma coprodução

## Fala e escrita: duas modalidades em um *continuum*

O texto é um evento <sup>Soc. e comunicativo</sup> sociocomunicativo, que ganha existência dentro de um processo interacional. Todo texto é resultado de uma coprodução entre interlocutores: o que distingue o texto escrito do falado é a forma como tal coprodução se realiza. coprodução

No texto escrito, a coprodução se resume à consideração daquele para quem se escreve, não havendo participação direta e ativa deste na elaboração linguística do texto, em função do distanciamento entre escritor e leitor. Nele, a dialogicidade constitui-se numa relação 'ideal', em que o escritor leva em conta a perspectiva do leitor, ou seja, dialoga com determinado (tipo de) leitor, cujas respostas e reações ele prevê.

Dessa forma, no caso do texto escrito, ao contrário do que acontece com o texto falado, contexto de produção e contexto de recepção, de maneira geral, não coincidem nem em termos de tempo, nem de espaço, já que escritor e leitor normalmente não se encontram copresentes. Por isso, o produtor do texto tem mais tempo para o planejamento, a execução mais cuidadosa do texto e a revisão, a 'copidescagem', sempre que for o caso.

Copidescagem - revisão

Questões  
de V. 00  
F.

O **texto falado**, por sua vez, emerge no próprio momento da interação. Como se costuma dizer, ele é o seu próprio rascunho. Por estarem os interlocutores copresentes, ocorre uma interlocução ativa, que implica um processo de coautoria, refletido na materialidade linguística por marcas da produção verbal conjunta. Por isso, a linguagem falada difere em muitos pontos da escrita: a) pelo próprio fato de ser falada; b) devido às contingências de sua formulação.

Fala e escrita são, portanto, duas modalidades da língua. Assim, embora se utilizem do mesmo sistema linguístico, cada uma delas possui características próprias. Ou seja, a escrita não constitui mera transcrição da fala, como muitas vezes se pensa.

O turno de fala é a contribuição de um locutor dada em certo momento da conversação; essa noção equivale, então, àquilo que, no teatro, se denomina de réplicas.

Os turnos de fala de diferentes locutores se encadeiam segundo um sistema de alternância. Em análise conversacional, o turno de fala constitui a unidade essencial da organização das produções orais dialogadas.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. Dicionário de análise do discurso. São Paulo: Contexto, 2004.

Cabe levar em conta, porém, que na situação face a face também podem ocorrer textos nos quais as interações apresentam um grau de coprodução bem menor. É o que ocorre, por exemplo, quando, num contato que envolve dois interlocutores, um deles domina ou monopoliza totalmente o **turno**, discorrendo sobre um tema para o qual ambos voltam a sua atenção.

É preciso, portanto, salientar diferenças de grau de manifestação da coprodução discursiva: em textos mais informais, como a conversação face a face, a coprodução se manifesta em grau máximo, ao contrário do que acontece em situações formais, como palestras, conferências, discursos públicos.

Isso não significa, porém, que fala e escrita devam ser vistas de forma dicotômica, estanque, como era comum até há algum tempo e, por vezes, como acontece ainda hoje. Vem-se postulando que os diversos tipos de práticas sociais de produção textual situam-se ao longo de um contínuo tipológico, em cujas extremidades estariam, de um lado, a escrita formal e, de outro, a conversação espontânea, coloquial. Escreve MARCUSCHI (1995: 13): “As diferenças entre fala e escrita se dão dentro do *continuum tipológico* das práticas sociais e não na relação dicotômica de dois polos opostos.”

Práticas  
discursivas

Para situar as diversas produções textuais ao longo desse contínuo, pode-se levar em conta, além do critério do meio, oral ou escrito, o critério da proximidade/distância (física, social, etc.), bem como o envolvimento maior ou menor dos interlocutores.

Assim, num dos polos estaria situada a conversação face a face, no outro, a escrita formal, como os textos acadêmicos, por exemplo. O que se verifica, porém, é que existem textos escritos que se situam, no contínuo, mais próximos ao polo da fala conversacional como, por exemplo, bilhetes, cartas familiares, textos publicitários e textos de humor como o apresentado a seguir:

— D  
Vaca  
este  
exemplo

BUEMBA! BUEMBA! Macaco Simão Urgente! O esculhambador-geral da República! Direto do País da Piada Pronta! Vocês viram o prefixo do avião que derrapou em Congonhas? PT-PAC! O PAC não decolou. Pior, o PAC derrapou, ficou pendurado e bateu no logo da Infraero! Era o Lula pilotando! Agora PAC quer dizer “Pra Avoar em Congonhas”! O PAC fez POC! E um amigo meu acabou de chegar de Lisboa e sabe como é restaurante a quilo em Portugal? Eles pesam o cliente na entrada e na saída! [...]

E corre na internet como é o capitalismo em diversos países. Capitalismo americano: você tem duas vacas, invade a fazenda do vizinho, toma as vacas dele e alega que o vizinho era terrorista e planejava explodir as vacas. Vaca bomba! Capitalismo holandês: você tem duas vacas, elas se amam, e você não tem preconceito nenhum com isso! Vacas sapas! Capitalismo chinês: você tem duas vacas, mas na verdade são dois dálmatas falsificados. E o capitalismo argentino: você tem duas vacas, a sua .... e a sua ....! Desculpe, essa foi sem querer. Sem querer, querendo. Estranha compulsão. E o capitalismo brasileiro: você tem duas vacas, o governo cria o IPV, Imposto sobre Propriedade de Vaca, você não tem grana pra pagar, aí aparece o fiscal, você dá as vacas como suborno e fica tudo por isso mesmo. Capitalismo avacalhado! É mole? É mole, mas sobe! Ou, como diz o outro: é mole, mas trisca pra ver o que acontece!

Fonte: SIMÃO, José. *Folha de S. Paulo*, 5 set. 2008.

Da mesma forma que muitos textos escritos se situam próximos ao polo da fala, também existem muitos textos falados que mais se aproximam do polo da escrita formal (conferências, entrevistas profissionais para altos cargos administrativos e outros), havendo, ainda, tipos mistos, além de muitos outros intermediários.

Um tratamento mais aprofundado da questão encontra-se na obra *Da fala para a escrita: atividades de retextualização* (MARCUSCHI, 2001).

## Características da linguagem falada e da linguagem escrita

Com base na visão dicotômica citada anteriormente, estabeleceram-se, durante muito tempo, diferenças entre fala e escrita, entre as quais as mais frequentemente mencionadas são as seguintes:

FALA	ESCRITA
contextualizada	descontextualizada
implícita	explícita
redundante	condensada
não planejada	planejada
predominância do <i>modus pragmático</i>	predominância do <i>modus sintático</i>
fragmentada	não fragmentada
incompleta	completa
pouco elaborada	elaborada
pouca densidade informacional	densidade informacional
predominância de frases curtas, simples ou coordenadas	predominância de frases complexas, com subordinação abundante
pequena frequência de passivas	emprego frequente de passivas
poucas nominalizações	abundância de nominalizações
menor densidade lexical	maior densidade lexical

Na realidade, porém, o que ocorre é que:

- nem todas essas características são exclusivas de uma ou outra das duas modalidades;
- tais características foram sempre estabelecidas tendo por parâmetro o ideal da escrita (isto é, costumava-se olhar a língua falada através das lentes de uma gramática projetada para a escrita), o que levou a uma visão preconceituosa da fala (descontínua, pouco organizada, rudimentar, sem qualquer planejamento), que chegou a ser comparada à linguagem rústica das sociedades primitivas ou à das crianças em fase de aquisição de linguagem.

É evidente, contudo, que a fala possui características próprias, entre as quais as que apresentamos a seguir:

- é relativamente não-planejável de antemão, o que decorre de sua natureza altamente interacional; isto é, ela necessita ser *localmente*

*planejada*, ou seja, planejada e replanejada a cada novo lance do jogo da linguagem;

- o texto falado apresenta-se *em se fazendo*, isto é, em sua própria gênese, tendendo, pois, a pôr a nu o próprio processo da sua construção. Em outras palavras, ao contrário do que acontece com o texto escrito, em cuja elaboração o produtor tem maior tempo de planejamento, podendo fazer rascunhos, proceder a revisões e correções, modificar o plano previamente traçado, no texto falado planejamento e verbalização ocorrem simultaneamente, porque ele emerge no próprio momento da interação.
- o fluxo discursivo apresenta descontinuidades frequentes, determinadas por uma série de fatores de ordem cognitivo-interacional, as quais têm, portanto, justificativas pragmáticas de relevância;
- o texto falado apresenta uma sintaxe característica, sem, contudo, deixar de ter como pano de fundo a sintaxe geral da língua;
- a escrita é o resultado de um processo, portanto estática, ao passo que a fala é processo, portanto, dinâmica. HALLIDAY (1985: 74) capta bem essa diferença, utilizando a metáfora do quadro e do filme. Para o leitor, o texto se apresenta de forma sinóptica: ele existe, estampado numa página – por trás dele vê-se um quadro. Já no caso do ouvinte, o texto o atinge de forma dinâmica, coreográfica: ele *acontece*, viajando através do ar – por trás dele é como se existisse não um quadro, mas um filme.

quadro - leitor  
filme - ouvinte

Além disso, conforme já frisamos, em situações de interação face a face, o locutor que, em dado momento, detém a palavra, não é o único responsável pela produção do seu discurso. Em se tratando de uma atividade de coprodução discursiva, os interlocutores estão juntamente empenhados na produção do texto: eles não só procuram ser cooperativos, como também conegociam, coargumentam (MARCUSCHI, 1986), a tal ponto que não teria sentido analisar separadamente as produções de cada interlocutor.

Por fim, como é a interação (imediate) que importa, ocorrem pressões de ordem pragmática que se sobrepõem, muitas vezes, às exigências da sintaxe. São elas que, em muitos casos, obrigam o locutor a sacrificar a sintaxe em prol das necessidades da interação, fato que se traduz pela presença, no texto falado, não só de **falsos começos**, **truncamentos**,

**correções, hesitações**, mas também de **inserções, repetições e paráfrases**, que não devem ser vistas como ‘defeitos’, já que têm, frequentemente, funções cognitivo-interacionais de grande relevância:

- ganhar tempo para o planejamento ou para a compreensão por parte do interlocutor (pausas, hesitações, repetições);
- apresentar esclarecimentos, exemplificações, atenuações do que foi dito, reforçá-lo, etc. (inserções, repetições, parafraseamentos), entre outras.

Assim sendo, o texto falado não é absolutamente caótico, desestruturado, rudimentar. Ao contrário, ele tem uma estruturação que lhe é própria, ditada pelas circunstâncias sociocognitivas de sua produção e é à luz desta que deve ser descrito e avaliado.

## Marcas de oralidade na escrita

Ora, a criança, quando chega à escola, já domina a língua falada. Ao entrar em contato com a escrita, precisa adequar-se às exigências desta, o que não é tarefa fácil. É por essa razão que seus textos se apresentam evitados de marcas da oralidade, que, aos poucos, deverão ser eliminadas.

Na fase inicial de aquisição da escrita, a criança transpõe para o texto escrito os procedimentos que está habituada a usar em sua fala. Isto é, continua a empregar em suas produções os recursos próprios da língua falada. Somente com o tempo e com a intervenção contínua e paciente do professor é que vai construir seu modelo de texto escrito.

Cabe, pois, ao professor conscientizar o aluno das peculiaridades da situação de produção escrita e das exigências e recursos que lhe são próprios. Isto é, quando da aquisição da escrita, a criança necessita ir, aos poucos, conscientizando-se dos recursos que são prototípicos da oralidade e perceber que, por vezes, não são adequados ao texto escrito. É claro que isso não acontece de um momento para outro, levando, por vezes, anos a fio.

Passemos a examinar algumas das **principais marcas de oralidade que a criança imprime ao texto escrito**, não apenas na fase de aquisição, mas, por vezes, ainda por um tempo relativamente longo, já que continua usando as mesmas estratégias de construção e os mesmos recursos de linguagem que utiliza na interação face a face.

Fala

## Questão da referência

Na oralidade, é comum serem os referentes recuperáveis na própria situação discursiva: basta, assim, apontar para eles, dirigir o olhar ou fazer um gesto qualquer em sua direção. Os interlocutores compartilham, em geral, não só uma vasta gama de conhecimentos relativos à situação comunicativa, como também acerca do estado de coisas de que estão falando. Uma excelente exemplificação do que acabamos de dizer é o texto a seguir:

### A vaguidão específica

“As mulheres têm uma maneira de falar que eu chamo de vago-específica.”  
-Richard Gehman-

- Maria, ponha isso lá fora em qualquer parte.
- Junto com as outras?
- Não ponha junto com as outras, não. Senão pode vir alguém e querer fazer coisa com elas. Ponha no lugar do outro dia.
- Sim senhora. Olha, o homem está aí.
- Aquele de quando choveu?
- Não, o que a senhora foi lá e falou com ele no domingo.
- Que é que você disse a ele?
- Eu disse pra ele continuar.
- Ele já começou?
- Acho que já. Eu disse que podia principiar por onde quisesse.
- É bom?
- Mais ou menos. O outro parece mais capaz.
- Você trouxe tudo pra cima?
- Não senhora, só trouxe as coisas. O resto não trouxe porque a senhora recomendou para deixar até a véspera.
- Mas traga, traga. Na ocasião nós descemos tudo de novo. É melhor, senão atravanca a entrada e ele reclama como na outra noite.
- Está bem, vou ver como.

Fonte: FERNANDES, Millôr. A vaguidão específica. Revista *O Cruzeiro*, 1956.

Com o propósito de “demonstrar” que as mulheres têm uma forma de falar vago-específica, Millôr Fernandes “simula” uma conversa de duas pessoas marcada pela não-explicitação de muitos referentes.

Ler  
com  
os  
alunos

Só para ilustrar, o primeiro enunciado

Maria, ponha isso lá fora em qualquer parte.

faz com que nos perguntemos: **isso** o quê? **lá fora** onde?

Em uma outra situação que não a “encenada” pelo autor em face do seu projeto de dizer, é muito comum em conversas cotidianas produzirmos enunciados semelhantes. Isso se justifica, em parte, porque na fala podemos simplesmente apontar para aquilo a que nos referimos se o referente se encontra perto de nós ou pode facilmente ser identificado, considerando quem diz, para quem se diz, quando e onde se diz; em parte, porque os interlocutores em questão possuem um histórico interacional que torna desnecessária a explicitação de informações compartilhadas.

É o que observamos no texto do Millôr em enunciados como:

Junto com as outras?

Ponha no lugar do outro dia.

– Sim senhora. Olha, o homem está aí.

– Mas traga, traga. Na ocasião nós descemos tudo de novo. É melhor, senão atravanca a entrada e ele reclama como na outra noite.

Em relação à importância da contextualização para o entendimento do que está sendo dito, GUMPERZ (2002) afirma que há pistas linguísticas e extralinguísticas e que estas se encontram no cenário e no conhecimento que os participantes têm sobre o que aconteceu antes da interação. Daí o uso de formas referenciais cujos referentes são depreendidos da situação comunicativa ou do conhecimento partilhado com o interlocutor.

Por isso, no texto escrito daqueles que estão se iniciando na prática da escrita, quando do emprego de elementos anafóricos (aqueles que remetem a outros elementos do texto) e dêiticos (os que apontam para elementos do contexto), é comum a ausência de referente textual, bem como o uso ambíguo de formas anafóricas como *ele*, *ela*. No texto a seguir, destacamos o uso ambíguo do pronome *ele*, cujo referente na história pode ser “o rato” ou “o dono da casa” onde o rato estabeleceu morada.

## Caça ao rato

Em uma casa as 11h da noite um rato começa a atacar e queija, de repente o dono da casa acordou e começou a tentar matar o rato mas não conseguiu.

Na noite seguinte o rato voltou, mas ele tinha deixado várias ratueiras e o rato já sabia disso, por isso ele fez outra casa para ele do outro lado da parede.

Porque ele acordou o dono da casa e na noite seguinte ele colocou duas mais ratueiras.

Ele já sabia e fez outra casa no outro lado da parede e o dono acordou de novo e na noite seguinte ele comprou um gato na primeira noite o gato ficou amigo do rato e ele não quer comer o rato mas na noite seguinte o gato descobriu que o rato só queria amizade para ele não comer ele por isso acabou a amizade e o rato fugiu para outro lado.

## Fala Repetições

No texto falado, **a repetição** ocorre com extrema frequência, podendo mesmo ser considerada um dos mecanismos organizadores dessa modalidade textual; em ambas as modalidades, ela constitui, muitas vezes, um recurso retórico, desempenhando funções didáticas, argumentativas, enfáticas, etc.

Em textos de crianças em fase de aquisição da escrita, são comuns as repetições, não só aquelas que poderiam ser eliminadas no texto escrito, como também as mencionadas anteriormente, isto é, repetições resultantes do emprego da estratégia que se poderia denominar informalmente “estratégia da água mole em pedra dura” (KOCH, 1992, 1997), conforme podemos observar na sequência destacada do **texto 1** e, de modo enfático, em quase todas as passagens do **texto 2**.

### TEXTO 1

A bola furada

Era uma vez um menino muito solitário, queria alguém para brincar de bola com outros amigos para brincar.

Até que um dia ele encontrou dois amigos para brincar então ele ofereceu a bola para o Estanciro e para o Ricardo então eles ficaram jogando futebol com a bola jogaram, jogaram, jogaram e até que um hora a bola história e os 3 amigos ficaram tristes.

Então Emrique teve uma ideia de ir ao supermercado comprar uma bola nova para ele jogarem de novo.

Ele ficou procurando em todo lugar da cidade e então ele comprou uma bola amarela.

Então ele começou a comprar a bola então ele brincou muito com seus amigos.

**FIM** Expressão livre

## TEXTO 2

### A história do *Era uma vez*

O *Era uma vez* já contou **muitas, muitas, muitas** histórias. O coitado já trabalhou em todos os Contos de Fada existentes no mundo. É *Era uma vez* para lá, *Era uma vez* para cá, nestes contos só se ouve ***Era uma vez, Era uma vez, Era uma vez*** e ele só se **cansa, se cansa, se cansa...**

O pior de tudo isso é que **ninguém, ninguém** mesmo, nunca se deu o trabalho de contar a história de quem tantas delas já contou. Quando eu digo **tantas, são tantas, tantas, tantas MESMO**. Por esse motivo aí, é que eu resolvi homenagear o *Era uma vez* e vou contar sua história:

O *Era uma vez* nasceu há **muito, muito, muito** tempo atrás, nos Contos de Fada.

Desde lá já trabalhou em contos muito famosos, como *CINDERELA, PETER PAN, BELA ADORMECIDA, RAPUNZEL* e tantos outros que se eu fosse contar levaria **horas, horas e horas**. Ele é casado com a *Viveram felizes para sempre* e tem um filho, o *Numa tarde chuvosa*. Ele vive muito bem com a família na cidade de Palavreado no país da Fantasia.

Para fechar o texto, achei ótima ideia entrevistar o *Era uma vez*:

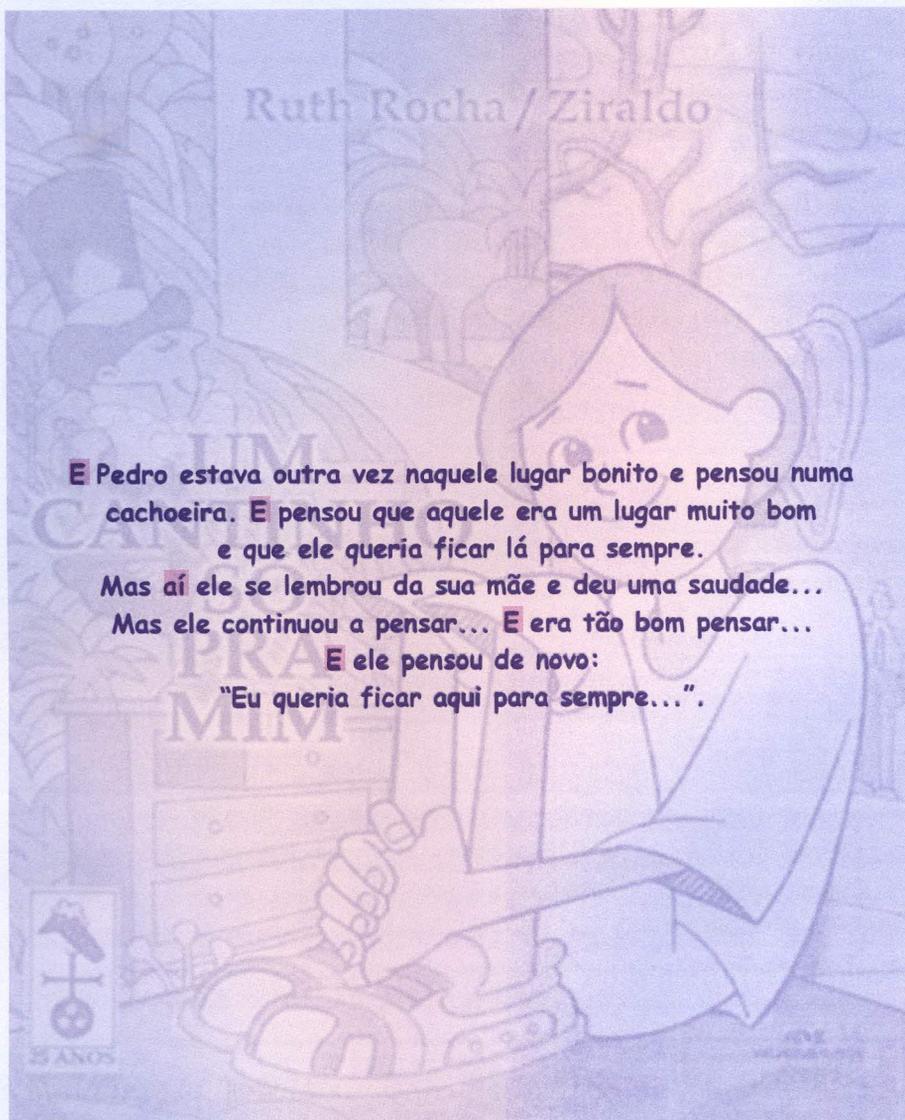
- *Era uma vez*, você poderia contar o que você acha da sua vida?
  - É claro que eu conto!
  - *Era uma vez*, o *Era uma vez*, eu vivo minha vida dizendo muitos *Era uma vez* por muitas histórias e gosto **muito, muito, muito** disto.
- E o *era uma vez* e sua família, assim tão diferentes e tão iguais, *Viveram felizes para sempre*. *Viveram não*. *Vivem*.

Fonte: João Marcelo da Silva Elias, 4ª série, Colégio Madre Alix.

### Uso de organizadores textuais continuadores típicos da fala: *e, aí, daí, então, (d)ai então, etc.*

Os textos escritos por crianças ou para crianças são ricos em organizadores textuais típicos da oralidade, como ***e, aí, daí, aí então***, etc., conforme nos revelam os exemplos que apresentamos a seguir.

TEXTO 1



**E** Pedro estava outra vez naquele lugar bonito e pensou numa cachoeira. **E** pensou que aquele era um lugar muito bom e que ele queria ficar lá para sempre. Mas **aí** ele se lembrou da sua mãe e deu uma saudade... Mas ele continuou a pensar... **E** era tão bom pensar... **E** ele pensou de novo: "Eu queria ficar aqui para sempre..."

## TEXTO 2

## 9 Negro

Num dia muito ensoleado do mês de julho, todos estavam de férias, menos Rafael que era um negro muito pobre que já estava procurando emprego a muito tempo... Mas não adiantava todos os donos de lojas ou empresas não aceitavam ele porque tinham preconceito.

Mas um dia ele teve uma ideia, vender utensílios domésticos em uma carroça. Ele então começou a montar a sua carroça. Cortou uma árvore e montou uma bela carroça.

Então ele começou a trabalhar, no começo ele vendeu pouca mas depois ele lucrou bastante!

Agora Rafael não era mais tão pobre ele até se mudou para uma casinha muito aconchegante.

A auto-estima de Rafael melhorou muito agora que ele vende na carroça utensílios domésticos. Ele não sai da casa dele nem para ir morar num palácio.

Fonte: Fábio Moscatelli Gallotti, 4ª série, Colégio Madre Alix.

### Justaposição de enunciados, sem qualquer marca de conexão explícita

É bastante comum em textos de crianças a produção de enunciados justapostos, sem marcas de conexão explícita, sem elementos de

ligação ou de transição entre as ideias e, frequentemente, sem qualquer sinal de pontuação. No texto a seguir, destacamos, **enunciados sem ligação explícita** ou **enunciados sem sinal de pontuação**.

Vejam os:

### Férias em Cajuru !!!

Em uma cidade chamado Cajuru perto de Ribeirão Preto eu tenho uma família a tia do meu pai mora lá, ela tem 6 filhos. 3 deles tem filhos da minha idade que brincam comigo e com a minha irmã a mais mora comigo Ana Maria, depois vem a Maria Eugênia, depois o João Marcelo, depois a Laura e por último o João Francisco.

O Tio Geninho tem 2 papelarias a de cima e a de baixo. Eu comprei meu material lá na papelaria de cima lá em Cajuru poranda após lá perto da casa das minhas primas tem uma sorveteria ótima eu acho que é a melhor sorveteria do mundo na minha cabeça, ela chama Sorveteria do Zé. Com minha primas Maria e a Aninha tem uma babá a Lala ela é muito legal.

Tive um dia que ela passou sabão e água e agente escorregou e o meu primo João Marcelo ele mora em São Paulo, mas ele foi passar as férias lá também foi legal.

Bom agente alugou um filme agente assistiu primeira sessão na Trádes é muito engraçada eu durami na metade depois a minha prima mais nova a Aninha quis assistir Kika.

As minhas férias foram D+++++ eu achei. Eu vou para a casa da minha avó com meu tio Pezinha e dia seguinte elemarou muito porque era o PRIMEIRO DIA DE AULA-EEE a Carla e muito legal.

## Discurso direto

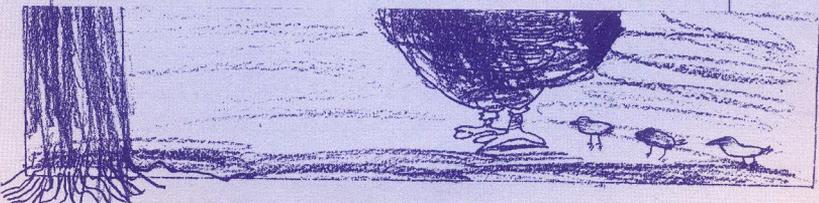
O discurso citado é apresentado quase exclusivamente em estilo direto, em geral sem a presença de um verbo “dicendi” (de dizer), sucedendo-se as falas dos diálogos como se os interlocutores se encontrassem copresentes. A fim de exemplificar esse procedimento muito comum em textos de crianças, selecionamos o texto a seguir, destacando o discurso direto incorporado à escrita sem os traços que lhe são caracterizadores.

Teodoro Bava 2/8/05

A viagem dos patos

Era uma vez 4 patos que estavam no lago passando por aqui 10 minutos até que 1 dos patinhos se perdeu dos outros patinhos e ele ficou procurando e não achou e eles procurando e também não achou e foi até a casa deles e os 3 contaram pra a mãe e a mãe se perdeu da gente e a mãe foi procurar o pato que fugiu eles ficaram 5 dias procurando e não acharam ninguém.

Fim



## Segmentação gráfica

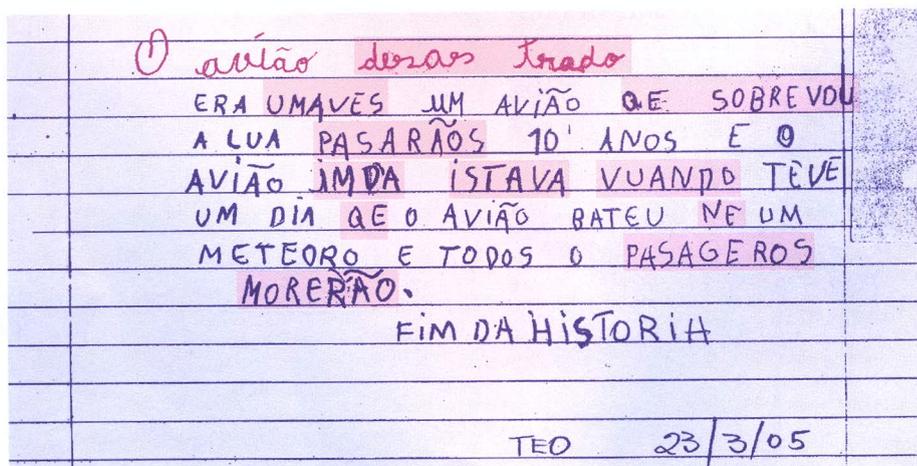
A segmentação gráfica em textos de crianças é feita com base nos vocábulos fonológicos ou aquilo que a criança apreende como tal. O que se nota é que a criança, ao tentar efetuar a segmentação gráfica adequada, acaba, por vezes, caindo no extremo oposto, isto é, “picando” demais a palavra ou, pelo contrário, emendando vocábulos, conforme a maneira como são pronunciados.

A criança vai formulando hipóteses sobre a segmentação correta dos vocábulos, hipóteses que vai testando em seus escritos, da mesma forma que testa, muitas vezes no mesmo texto, hipóteses sobre a grafia correta das palavras. Uma rica exemplificação do que dissemos são os textos a seguir. Podemos observar que a escrita revela hipóteses que a criança elabora sobre:

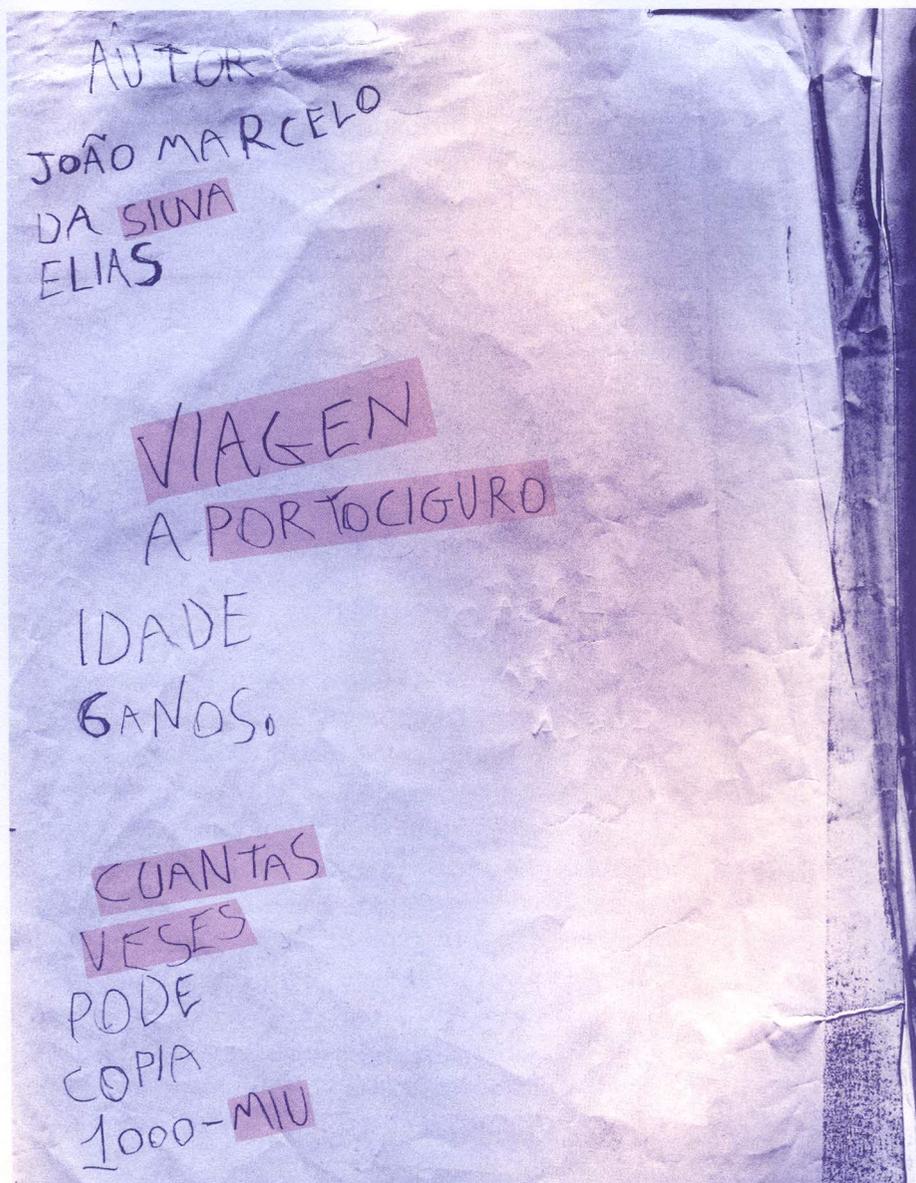
- a **segmentação gráfica**: “desas trado” e “umaves” (**texto 1**); Portociguro” (**texto 2**);
- a **grafia correta da palavra**: “qe”, “sobrevou”, “pasarãos”, “imda”, “istava”, “vuando”, “ne”, “pasageros”, “morerão” (**texto 1**); “Siuva”, “viagen”, “cuantas”, “vezes”, “miu” (**texto 2**).

Em uma complexa atividade que se situa para além do reconhecimento e da reprodução dos símbolos alfabéticos. Vamos aos textos:

### TEXTO 1



## TEXTO 2



Fonte: João Marcelo da Silva Elias, 1ª série, Colégio Madre Alix.

Os fatos aqui apresentados constituem uma pequena amostra da ampla gama de interferências da oralidade na escrita inicial da criança e

poderiam servir de base para a intervenção do professor, durante a fase de aquisição da escrita.

Trabalhando cada um deles separadamente e levando o aluno a perceber que o texto escrito difere daquele que usa na interação face a face, tendo, portanto, suas especificidades, ele acabará por construir um outro modelo de texto – o do texto escrito – e será capaz de – **se e quando necessário** – utilizar de forma adequada os recursos próprios desta modalidade.